

"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

[Público-alvo] Estudantes do Ensino Fundamental – 8º e 9º anos

[Duração] 6 aulas

[Alinhamento à BNCC] 3 Competências | 4 Habilidades

Introdução

Este material apresenta um itinerário didático sobre um gênero relativamente novo: o **microconto**. A proposta busca inspirar práticas de leitura e escrita a partir de sugestões de atividades a serem desenvolvidas em alguns encontros, e que podem – e devem – ser adaptadas de acordo com o contexto escolar em que você, professora ou professor, se encontra. Mas antes, é importante tecermos algumas considerações a respeito desse gênero.

O **microconto**, possivelmente, popularizou-se juntamente com os meios digitais. O dinamismo que a comunicação por esses meios impuseram, favoreceu o surgimento de narrativas curtas, menores que um conto.

Considerando que toda obra literária precisa de leitoras e leitores para preenchê-la de sentido, com os microcontos essa premissa não é diferente. Por isso, trabalhar com **microcontos** em sala de aula permite que estudantes, enquanto leitoras(es), possam colocar-se criticamente diante do texto ficcional e das amplas possibilidades de interpretação deste.

O escritor Marcelino Freire é organizador de uma importante coletânea de **microcontos** intitulada *Os cem menores contos brasileiros do século* (2018). Esse autor defende a ideia de que os **microcontos**, além de um reflexo da modernidade, permitem a qualquer pessoa a produção de uma obra ficcional, e que quanto menor a quantidade de caracteres, maior o desafio.

Para saber mais assista ao vídeo [“Minicontos: o máximo no mínimo”](#)¹.

Mas quais são os elementos estruturais que compõem esse gênero? Um **microconto** deve obter em sua estrutura uma tríade que consiste em: brevidade, narratividade e intertextualidade.

¹ Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=7E3IoAs2Bul&t=3s>.



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

Quando falamos em brevidade, vemos o reflexo da modernidade em nosso cotidiano, a falta de tempo e espaço em nossas vidas, e a nossa aproximação cada vez mais intensa com o meio digital. Para este gênero, a brevidade, caracterizada aqui por uma quantidade mínima de caracteres, precisa trazer uma história que possibilite a abertura de sentidos.

A narratividade é o enredo da história, o sequenciamento de ações na micronarrativa que faz com que a(o) leitora(or) perceba que há uma história sendo contada.

Já a intertextualidade diz respeito à mobilização de conhecimento do mundo da(o) leitora(or). Em outras palavras, ela(e) utiliza sua intertextualidade para preencher de sentido a narratividade presente nos microcontos. Por isso, ambos recursos andam juntos na interpretação do **microconto**.

Portanto a tríade brevidade, narratividade e intertextualidade são elementos fundamentais no **microconto**. Elementos esses que tornam o gênero conciso, mas não menos literário que o conto. Ao ler e/ou produzir **microcontos** precisamos considerar esses elementos estruturantes que constituem o microconto enquanto gênero literário.

Objetivo geral

Propiciar leitura, interpretação e escrita de microcontos.

BNCC

Competências Específicas de Língua Portuguesa:

Competência específica nº 1

Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.

**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

Competência específica nº 5

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência específica nº 6

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Práticas de linguagem / Objetos do conhecimento:

• **Leitura**

Objetos de conhecimento:

1. Reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multissemióticos.
2. Estratégias de leitura.
3. Apreciação e réplica.

Habilidades:

(EF69LP47) Analisar, em textos narrativos ficcionais, as diferentes formas de composição próprias de cada gênero, os recursos coesivos que constroem a passagem do tempo e articulam suas partes, a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens e os efeitos de sentido decorrentes dos tempos verbais, dos tipos de discurso, dos verbos de enunciação e das variedades linguísticas (no discurso direto, se houver) empregados, identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes do foco narrativo típico de cada gênero, da caracterização dos espaços físico e psicológico e dos tempos cronológico e psicológico, das diferentes vozes no texto (do narrador, de personagens em discurso

"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

direto e indireto), do uso de pontuação expressiva, palavras e expressões conotativas e processos figurativos e do uso de recursos linguístico-gramaticais próprios a cada gênero narrativo.

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

• Produção de textos

Objetos de conhecimento:

1. Consideração das condições de produção.
2. Estratégias de produção: planejamento, textualização e revisão/edição.
3. Construção da textualidade.

Habilidades:

(EF69LP51) Engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário.

(EF89LP35) Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa.

Recursos materiais necessários



**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

Coletânea de microcontos:

1. CONFISSÃO

“Fui me confessar ao mar.

O que ele disse? Nada...”

Lygia Fagundes Telles

2. O DINOSSAURO

Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá.

Augusto Monterroso

3. O PESADELO DE HOUAISS

Quando acordou, o dicionário ainda estava lá.

Joca Reiners Terron

4.

Vendem-se sapatos de bebês, nunca usados.

Ernest Hemingway



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

5.

Vá!

Quem me abandona floresce.

Andréa Del Fuego

6.

Terminou de comer o bolo, o pastel, o brigadeiro e a coxinha. Pra sair, vestido preto, afinal, branco engorda que é um horror.

Carolina de Andrade e Silva

7. TÉDIO

Após o apocalipse, a morte olha para Deus e diz:

– E agora, o que eu faço?

– Aposentadoria nunca é fácil.

Júlio César de Almeida Dutra

8. CRIAÇÃO

No sétimo dia, Deus descansou. Quando acordou, já era tarde.

Tatiana Blum



**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

9. VIGÍLIA

Pronto nos olhos, o pranto só espera a notícia.

João Anzanello Carrascoza

10. MONÓLOGO COM A SOMBRA

Não adianta me seguir. Estou tão perdido quanto você.

Rogério Augusto

11. SÓ

Se eu soubesse o que procuro com esse controle remoto...

Fernando Bonassi

12. FUMAÇA

Olhou a casa, o ipê florido. Tudo para ela. Suspendeu a mala e foi.

Ronaldo Correia de Brito

13. DUELOS

"E agora, eu e você?", disse, sacando o punhal, na sala de espelhos.

Flávio Carneiro

**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

14. CHICO

— Se atrasa, preocupa.

Quando chega, incomoda.

— Menstruação?

— Meu marido.

Nelson de Oliveira

15. A VIAGEM

Fora do ventre, retraiu por um segundo a face, que envelhecia.

Marcílio França Castro

Roteiro de atividades

1ª Etapa: Contos versus Microcontos (1 aula)

Objetivos:

- Levantar conhecimentos prévios sobre o gênero conto.
- Ler e interpretar diversos microcontos em sala de aula.
- Traçar as semelhanças e diferenças entre os gêneros conto e microconto.

Atividades:

1. Inicie uma conversa com a turma levantando conhecimentos prévios a respeito do que consideram como contos, se já leram alguns, qual o contato das(os) estudantes com esse gênero. Depois da discussão sobre a experiência da classe com contos, diversos microcontos deverão ser colados na lousa e, em grupos, as(os) alunas(os) poderão escolher até três microcontos com o objetivo de discutir qual seria a interpretação



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

possível de cada produção escolhida. No início dessa proposta, há uma coletânea de microcontos que pode ser utilizada na atividade.

2. Então, integrantes dos grupos, em um segundo momento, trocam experiências sobre suas percepções a respeito das histórias, realizando a leitura do microconto escolhido primeiramente entre si e depois para a turma, compartilhando suas interpretações com as(os) colegas.

3. Após a discussão entre os grupos sobre as interpretações dos microcontos escolhidos, é importante questioná-las(os) sobre qual seria a semelhança entre os contos que já leram em comparação com essas micronarrativas. Mesmo que a turma não chegue a uma resposta de que ambos contam uma história, você, enquanto orientadora(or) da atividade, poderá comentar essa semelhança ao final da discussão.

2ª Etapa: Introdução ao gênero microcontos (1 aula)

Objetivos:

- Compreender a estrutura do gênero microconto e os suportes de veiculação que ele utiliza.
- Perceber elementos de uma narrativa (enredo, espaço, personagens e tempo) e como eles se comportam nas micronarrativas.

Atividades:

1. Exiba o vídeo [Miniconto: o máximo do mínimo²](#), de Marcelino Freire, para que haja visualização e aproximação desse novo gênero e dos possíveis suportes de veiculação que ele utiliza.

Para pontuar os elementos que compõem a micronarrativa, a sugestão é utilizar os contos: “86” de Dalton Trevisan e “*Maioridade*” de Rodrigo Ciríaco:

86

À saída da fábrica de bijuteria, a operária entregando a marmita suspeita:

- Ela faz barulho? Reviste. Pode Revistar. Veja quanta joia tem aí dentro.

- ...

² Disponível no link <https://www.youtube.com/watch?v=7E3IoAs2Bul>.



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

- Só ossinho de galinha do meu almoço.

(TREVISAN, Dalton. 11 ais. São Paulo. LPM.2000. p.92.)

MAIORIDADE

- Peste! Já chega! Vou convocar seus pais agora.

- Então chama, pode chamar, prussôra. Desde que nasci, num sei nada sobre eles...

(CIRÍACO, Rodrigo. Te pego lá fora. 2ª ed. São Paulo. Editora DSOP. 2014.)

Nessa etapa é importante que você auxilie sua turma na observação dos elementos da narrativa como: enredo (narratividade), espaço, personagens e tempo. Mesmo nos microcontos, é possível identificar esses elementos e analisar como são abordados nas micronarrativas.

Para compreender melhor a estrutura desse gênero, é importante chamar a atenção para a “narratividade” do microconto, de maneira que as(os) alunas(os) percebam que há uma história sendo contada. Pois, posteriormente, na produção escrita, as(os) estudantes deverão se atentar a esse elemento, evitando incorrer na produção de versos poéticos ou aforismos na intenção de produzir um microconto.

3ª Etapa: Produção de microcontos – Parte I (1 aula)

Objetivos:

- Leitura e interpretação de conto(s) selecionado(s).
- Transformar contos em microcontos, observando os elementos presentes em sua estrutura que foram discutidos na aula anterior.
- Revisar e reescrever microcontos.
- Publicar os microcontos produzidos em um padlet ou organizar uma coletânea virtual com os textos das(os) estudantes.

Atividades:

1. Após a discussão dos microcontos, uma proposta didática possível é solicitar que os alunos transformem um conto em microconto. Uma sugestão é selecionar um dos contos



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

publicados no livro *Os da minha rua*, de Ondjaki, disponível [aqui](#)³. No final desta publicação, em ANEXOS, você também encontra o conto “Força flutuante”, de Geni Guimarães, e também os contos “Sábado de aleluia” e “Dia de graça”, da autora Lilia Guerra.

Para iniciar a atividade, você, professora ou professor, realizará a leitura do conto em voz alta e, depois da leitura, poderá retornar aos itens presentes na estrutura do microconto com a intenção de que a turma, a partir desse conto, o recriem em formato de microconto. Uma alternativa para facilitar o acesso das(os) estudantes ao conto é distribuir cópias do texto como material de consulta para as produções escritas.

Devemos considerar que a produção de texto precisa de um leitor, pois os textos ocupam esferas sociais e servem a elas como meios comunicativos. Para tal ação, alunas e alunos produzirão microcontos para você, professora(or), e também para compartilhá-los em uma rede social, que pode ser uma página da turma no *Twitter* ou *Facebook*, ou na rede que mais utilizarem.

2. Após as produções escritas do microconto, a sugestão é que a turma faça uma revisão inicialmente trocando seus textos entre as(os) colegas. Depois de recebida as correções desta primeira versão, a segunda revisão poderá ser realizada com o seu auxílio, para que os microcontos sejam publicados na página destinada para esse fim. É possível também criar um livro virtual ou um *padlet* com a coletânea de microcontos produzidos por sua turma.

4ª Etapa: A estrutura do gênero microconto (1 aula)

Objetivos:

- Elaborar um quadro comparando a estrutura de diversos microcontos.
- Compreender a estrutura dos microcontos e observar sua narratividade.

Atividades:

1. A próxima proposta de análise dos microcontos traz um quadro comparativo para que (as)os alunas(os) compreendam as estruturas principais dos microcontos. Para essa atividade, sugerimos utilizar a coletânea de microcontos apresentada no início da proposta. Nesse momento, você, cara(o) docente, poderá revisar com sua turma os

³ Disponível no link

<https://estdaliteratura.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/05/la-4-ondjaki-os-da-minha-rua.pdf>.



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

elementos estudados nos microcontos no segundo encontro e criar um quadro comparativo como o que segue abaixo:

Título do microconto	Narratividade : há uma história sendo contada?	Ela é breve? Possui poucos caracteres? (Sim ou Não)	Como as pontuações auxiliam na expressividade do microconto?	Qual o espaço da narrativa? (Onde a história acontece)	Quais as personagens ?	Há referências de tempo?

Com esse exercício objetiva-se que a(o) aluna(o) compreenda que o microconto, apesar de curto, deve fundamentalmente contar uma história.

5ª Etapa: Produção de microcontos – Parte II (1 aula)

Objetivos:

- Produzir microcontos autorais.
- Ler e avaliar os microcontos produzidos coletivamente.
- Reescrever os textos a partir da avaliação de colegas.

Atividades:

1. Essa etapa tem como proposta uma segunda produção textual que se fundamenta em solicitar à sua turma que faça microcontos autorais, de temática livre e considerem os três itens principais do gênero: brevidade, narratividade e intertextualidade.

Nesse momento, as(os) alunas(os) deverão escrever suas produções em papéis iguais disponibilizados por você. Munidos com esses papéis, os alunos deverão criar suas micronarrativas e entregá-las para que na aula seguinte, essas produções possam ser discutidas. Então preencherão uma tabela com os mesmos quesitos daquela utilizada no



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

quarto encontro, avaliando se suas produções contemplam os elementos estruturais de uma micronarrativa.

2. Em um segundo momento, você, docente, sorteará os microcontos, lendo-os para a turma e agora solicitando às alunas e aos alunos que preencham a tabela, avaliando o conto sorteado e discutindo sobre os elementos fundamentais na narrativa presente nas produções de colegas. Após o preenchimento, a turma pode ler e comparar suas respostas. Para a avaliação entre os pares, os contos não precisam ser necessariamente identificados.

O foco nessa atividade é a estrutura do gênero, mas abordagens linguísticas como pontuação, ortografia e indicadores de fala podem ser apontados por você e até mesmo pelas(os) estudantes. Essas questões estão inerentes ao texto, pois elas também fazem parte dos efeitos de sentido presentes no microconto. Juntamente com a turma é possível propor reflexões a respeito das pontuações e de que maneira elas enfatizam ou modificam o sentido que a(o) estudante quer dar ao texto à medida em que as leituras e as produções escritas são realizadas.

3. Após as análises, as(os) alunas(os) poderão recolher os microcontos produzidos e as tabelas com as avaliações dos(as) colegas que podem ser deixadas em uma mesa separada. Assim, cada estudante poderá analisar quais foram as intervenções e, com base nessas sugestões, reescrever seu microconto corrigindo-o ou aceitando as sugestões.

6ª Etapa: Compartilhando micronarrativas (1 aula)

Objetivos:

- Leitura e interpretação coletiva dos textos finais.
- Publicar microcontos produzidos.

Atividades:

1. Nessa etapa as atividades têm como foco a fruição estética. Depois de realizadas as correções das avaliações dos pares feitas no último encontro, e a reescrita do microconto, as(os) alunas(os) deverão passar a limpo suas produções em papéis iguais. Então, as produções serão sorteadas, e você poderá questionar sua turma sobre quais as interpretações possíveis para os microcontos escolhidos aleatoriamente. As visões das(os) demais alunas(os) podem ser discutidas e compartilhadas e, ao final, a(o) aluna(o)-autora(or) poderá comentar qual sua intenção ou interpretação presente em sua

"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

produção. Essa ação pode acontecer em torno de mais encontros a depender da motivação e interação entre estudantes.

Devemos ressaltar que não existe apenas uma resposta certa quando o quesito interpretação está em voga. As produções, nesse momento, ficam abertas para o aproveitamento das(os) leitoras(es). Evidentemente, não cabe qualquer resposta de interpretação, mas aquelas guiadas e pautadas pelas informações contidas nos textos.

2. Após as discussões, é importante que você, cara(o) docente, revise os microcontos para então serem publicados coletivamente na página já criada na rede social ou no mural virtual.

AVALIAÇÃO

Para a avaliação, a proposta segue um perfil formativo. Deve partir de você, professora ou professor, a análise de como se deu a participação das turmas nos processos de leitura, interpretação, produção e discussão das percepções. Questionando as(os) estudantes através de discussões coletivas sobre qual foi a experiência para alunas e alunos ao se colocarem enquanto leitoras(es) diante do texto literário, explicitando suas percepções individuais e as confrontando com a opinião das(os) demais colegas. Você também poderá observar em que medida, durante as atividades, cada estudante se colocou diante dos microcontos e de que maneira utilizou as “pistas” que os microcontos oferecem para compreendê-los. E com base nesses quesitos realizar sua avaliação.

Outra possibilidade é realizar questões de autoavaliação sobre a percepção das alunas e alunos no processo: através de questionários, propor que o grupo escreva o que aprendeu, como se sentiu ao realizar as etapas das atividades, o que foi mais marcante na leitura e/ou na produção de microcontos. Essa também pode ser uma alternativa para analisar o aproveitamento das(os) estudantes nas atividades propostas.

Lembre-se de que nesse itinerário o objetivo é que a(o) estudante se coloque como leitora(or), trazendo suas percepções e conhecimentos de mundo para completar o sentido do microconto. Além disso, essa proposta tem como intenção a diminuição da resistência que possa haver quando há atividades de escrita e leitura de textos literários. Por isso, a avaliação está voltada para o aproveitamento da(o) estudante como uma(um) leitora(or) que analisa e se insere como *sujeito* no texto, trazendo à tona suas experiências de mundo e todo o sentimento que o texto literário, nesse caso, o microconto, possa suscitar.



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

A(o) aluna(o)-autora(or), compartilhando suas produções, pode desenvolver também o gosto pela escrita, pois se enxerga como escritora(or) e tem seus textos lidos por colegas e frequentadores do ambiente virtual. As produções escritas não se encerram na devolução do microconto para avaliação e obtenção de uma nota, mas se encaminham para a rede social, permitindo que mais pessoas possam desfrutar das criações literárias de sua turma.

Referências bibliográficas:

ÁLVARES, Cristina. Quatro dimensões do microconto como mutação do conto: brevidade, narratividade, intertextualidade, transficcionalidade. GUAVIRA LETRAS, n. 15, ago.-dez. 2012.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Estética da criação verbal. Trad.: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. Martins Fontes, São Paulo, 1997.

CIRÍACO, Rodrigo. Te pegó lá fora. 2ª ed. São Paulo. Editora DSOP. 2014.

CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: Valise de cronópio. Tradução de Davi Arriguci Jr. e João A. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. Ed. Contexto. São Paulo. 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia. Ed. Paz e Terra. São Paulo. 1996 GOTLIB, Nádia Battella. Teoria do Conto – 11ª edição – São Paulo: Ática, 2006, 95p. – (Princípios, 2).

LAGMANOVICH, David. Iberoamericana. Vol. 09, Num.36. 2009. Disponível em: <https://journals.iai.spk-berlin.de/index.php/iberoamericana/issue/view/34>.

MINICONTO: O MÁXIMO COM O MÍNIMO. SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. São Paulo. (Educação de Jovens e Adultos (EJA): Mundo do Trabalho modalidade semipresencial. Vol. 3 São Paulo: SEE, 2014.

ROJO, Violeta. La minificción ya no es lo que era: una aproximación a la literatura brevíssima. Cuadernos de literatura vol. Xx n.º39 • enero-junio 2016. p.374-386. ISSN 0122-8102. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5271712>.

ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N. L. (Org.). Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013. ROUXEL, Annie. Mutações epistemológicas e ensino de literatura: o advento do sujeito leitor. Trad. Samira Murad. Revista Criação & Crítica, n. 9, p.13-24, nov. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>.

**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

TREVISAN, Dalton. 111 Ais. Editora L&PM Pocket, 2000.

Sobre a autora

Alessandra de Oliveira Barbosa é graduada em Letras pela Universidade Anhembi Morumbi (2012), possui pós-graduação em Letras e Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2015) e mestrado pelo programa PROFLETRAS da FFLCH-USP (2020). Professora de Língua Portuguesa na rede municipal de ensino em São Paulo há 10 anos, e na rede particular por 3 anos. Trabalhou também com assessoria educacional prestando serviços para a Universidade Anhembi Morumbi e Senac. Realiza trabalho de revisão de textos e trabalhos acadêmicos.

ANEXO

Aqui você encontra os contos indicados na **3ª Etapa: Produção de microcontos – Parte I**, da sequência didática "O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita.

Força flutuante

Geni Guimarães

Com o certificado na bolsa, saí para procurar emprego.

Consegui numa escola uma substituição para o ano todo: dar aulas numa classe de primeira série que “havia sobrado”, pois as professoras efetivas no cargo, já haviam optado por alunos maiores e em processo de alfabetização mais avançado.

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas cochichavam e me despiam com intenções veladas.

Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão, “para simples conferência”.

Deram o sinal de entrada. E os meus pequerruchos entraram barulhentos, agitados.

Só uma menina clara, linda, terna empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aulas.

— Eu tenho medo de professora preta — disse-me ela, simples e puramente.

Tanto medo e doce, misturados desarmou-me. Procurei argumentos:

— Vou contar pra você histórias de fadas e...

— O que aconteceu? — Era a diretora, que devido ao policiamento chegou na hora h.

Contei-lhe o ocorrido e ela prontamente achou a solução:

— Não faz mal. Eu a coloco na classe de outra professora de primeira.

Reagi imediatamente. Acalmei-me e socorri-me:

— Por favor. Deixe que nós nos possamos conhecer. Se até a hora da saída ela não entrar, amanhã a senhora pode levá-la.



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

A diretora aceitou minha proposta e saiu apressada.

Vi, então, que era muito pouco tempo para aprovar a tão nova gente minha igualdade, competência. Mas algum jeito deveria existir.

Eu precisava. Precisava por mim e por ela.

Os outros aluninhos se impacientaram e eu comecei meu trabalho, com a pessoinha ali em pé na porta, me analisando, coagindo, com os olhinhos lacrimosos, vivos, atentos. Pedia explicações, punha prelo e tinha pressa.

Assim prensada, fui até a hora do intervalo para o lanche, falando. Olhava para a classe, mas falava para ela. Inventei o primeiro dia de aula sonhando na minha infância conturbada.

Alegria de aprender, desenhar. Sabores gostosos dos lanches, brincadeiras e cantos brincados nas mentiras inocentes, quando sonhar era pensar que acontecia.

Na hora do recreio, enquanto os outros professores tomavam o cafezinho e comentavam o andamento das aulas, eu fiquei no pátio.

Talvez ali se me apresentasse alguma ideia.

Vi-a entre as outras crianças. Aproximei-me e pedi a ela um pedaço do lanche. Deu-me indecisa, meio espantada.

Resolvi dar mais um passo.

— Gostaria que você entrasse na classe depois. Assim você senta na minha cadeira e toma conta da minha bolsa enquanto eu trabalho.

Saí sem esperar resposta. Medo.

Logo mais retornamos à sala de aulas.

Ela sentou-se na minha cadeira, seu material ao lado do meu. “Precisei” de uma caneta. Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre, pegou e entregou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca.

Durante a aula, pedi que levantasse a mão quem soubesse desenhar.

Todos levantaram as mãozinhas. Constatei. Ela também sabia.

Desenhou um cachorro retangular e sem rabo.

— Seu cachorro é uma graça — disse-lhe rindo. — Ele não tem rabo?

— Não é meu. É da minha avó. Quando meu avô bebe e fica bravo, ele corre e enfia o rabo no meio da perna.



**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

Baixou a cabeça e pintou o cachorro de azul.

Ao término das aulas, arrumou o material sem pressa. Percebi-a amarrando os passos e tentando ficar afastada das outras crianças.

Alguma coisa tinha para me dizer. Impacientei-me. Sabia que, fosse o que fosse, eram respostas às minhas perguntas indiretas.

Decidiu a hora, segurou na minha saia e pediu:

— Amanhã você deixa eu sentar perto da minha prima Gisele? De lá mesmo, eu cuido da bolsa da senhora. Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga de avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata?

— Adoro.

— Vou dar um pedaço grandão pra senhora, tá?

— Obrigada.

Combinamos.

— Até amanhã! — eu.

— Até amanhã! — ela.

In: Geni Guimarães. *Leite do peito: contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001, pp. 99-104.

Geni Mariano Guimarães é professora, poeta e escritora. Nasceu no município de São Manuel (SP), em 8 de setembro de 1947. Iniciou a carreira literária escrevendo para jornais no interior paulista, onde envolveu-se com questões socioculturais do campo e começou sua reflexão em torno da literatura negra. Escreveu vários livros, entre eles: *Terceiro filho* (poemas), *Balé das emoções* (poemas), *A dona das folhas* (infantil), *A cor da ternura* (contos), *Leite do peito* (contos), *O rádio de Gabriel* (infantil), *Aquilo que a mãe não quer* (infantil), *O pênalti* (infantil) e *Poemas do regresso* (poemas). Também publicou na série *Cadernos Negros* e participou de algumas antologias.

**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

Sábado de aleluia

Lilia Guerra

Minha

Repete agora esta cigana

Lembrando fatos envelhecidos

que já não ferem mais os meus ouvidos

Minha, Cartola

Era uma tarde comportada, que passeava vestidinha num pulôver cinzento do lado de fora da minha janela. Em sábado de aleluia a gente não sabe bem o que fazer. Calmaria doida. Vovó estava em seu quarto, envolvida na colcha de tricô, olhos fixos no teto. Saudade de ouvir a voz dela, de conversar um pouquinho, mas há muito tempo, se tornara inacessível, como um objeto antigo que a gente não sabe manusear.

Em busca de distração, escolhi a vítima: a estante. Gavetas e prateleiras empesteadas de existência. Ela suspeitou que seria defraudada e suspirou paciente. Escancarei a parte inferior e senti o peso da boa madeira, outrora encantadora cerejeira, plantada sabe Deus onde. O que é a vida? Alcancei um envelope e espalhei o conteúdo no tapete. Um manual de liquidificador, uma conta antiga de energia, telegramas, postais, um rótulo de Neocid. Numa fotografia em preto e branco uma mulher carregava um garoto gordo com traje de batizado. Bula de analgésico, receita de pavê bicolor, cartões de natal, santinhos de missa de sétimo dia, um pente desdentado. Velharias inúteis que vovó sempre fez questão de conservar. Apanhei um saco de lixo. A estante tremeu indefesa, mas digníssima.

Em outro compartimento, dormiam tranquilos uns volumes grisalhos. Acordei todos eles e foram também para o tapete. Atordoados, defenderam-se espalhando poeira. Vesti a capa da justiça. No quem vai quem fica dos meus critérios, formei duas pilhas. Parti para a prateleira superior. Grandes xícaras sonhadoras temiam ser notadas. Implacável, retirei cada uma delas e esmiucei o interior. Na maior de todas, repousava uma folha hepática com uns números de telefone rabiscados. Prefixos obsoletos. Dentro da azulona, morava um magro carretel de linha com um alfinete enferrujado cravado no corpo caniço. Na menorzinha, fichas telefônicas, botões de tamanhos e cores variados, moedas já sem valor. Ao lado, paralisada, a coleção de discos. Capas plastificadas de um Alzheimer evidente clamavam comiseração. Frank Sinatra e Ray Conniff, seguidos por uma fila de sinfonias. Começaram a vir trilhas sonoras e coletâneas. Álbuns



**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

coloridos sorriam abobalhados, como se sentissem cócegas ao meu toque descuidado. Busquei uma caixa grande. Muitas capas traziam dedicatórias, datas, declarações. Numa delas, em caligrafia ordinária lia-se: Eterno amor, sempre teu, Ivo. Um disco de Cartola. Ivo... Ivo... nada. A vitrola envelhecia sossegada no canto. Como é que se liga esse troço mesmo? Um adaptador, tomada antiga. Puxei pela memória. Soprei bem de leve a agulha. Movi o frágil bracinho, cautelosa. Chiado. Chegou a primeira nota. Minha... quem disse que ela foi minha? Se fosse, seria a rainha, que sempre vinha aos sonhos meus...

Ouvi passos vindos do corredor. Vovó se levantou. Abobalhada, veio floreando em movimentos plastificados, mão no ventre, seu cavalheiro. Balançava sonhadora, o corpo enferrujado e magro de caniço, já sem valor, escancarada, empestada de existência. Hepática e obsoleta, rodopiava no tapete, num Alzheimer evidente. Outrora encantadora, agora, grisalha de esmiuçado interior, defraudada. Me tirou pra dançar, sorrindo desdentada, como se sentisse cócegas ao meu toque descuidado. Movi o frágil bracinho, cautelosa, trouxe-a leve feito pluma. Então é assim que se liga esse troço? Ao fim da canção, suspirou paciente e retirou-se. Voltou a envelhecer em preto e branco, sossegada em seu canto, temendo ser notada. Clamava comiseração, de novo paralisada, indefesa, mas digníssima. Retirei a capa da justiça e recoloquei os objetos na estante, que seguiu muito nobre em seu silêncio solene. Fui à janela admirar a tarde de pulôver. O que é a vida?

In: Lilia Guerra. *Perifobia (contos)*. São Paulo: Patuá, 2018.

**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

Dia de graça

Lilia Guerra

.. quem tem carretel não perde a linha,

No samba é preciso improvisar...

(Samba no quintal – Toninho / Everaldo Cruz)

Beth Carvalho

Ganhaúma espantou uma galinha de perto da porta. Porcariada danada. Bicho insolente, tapado. Estendeu a toalha de banho puída no varalzinho. Banho de asseio, que chuveiro de verdade, na vila não tinha. Cheiro bom de café na vizinhança. Alcançou o tanque, examinou a fachada no caco de espelho pendurado na parede limosa. Barbudo, meneou a cabeça, aborrecido. Chateava-lhe a ideia de andar mal-ajambrado. Ultimamente, nem o da navalha pingava. Enquanto vivia, a mãezinha nunca permitiu que ele se apresentasse surrado. Lavadeira das melhores. Esfregava com primor suas camisas, as brancas quaravam ao sol, eram enxaguadas no anil e tão bem passadas que podiam mesmo ficar em pé. Não havia mês em que não lhe fornecesse dinheiro para a visita ao barbeiro e sustentava-lhe bem o vício dos cigarros, adquirido ainda na adolescência, junto do amor pela jogatina. A senhora o tratava a pão de ló, amava-o exageradamente. Mãe solo, abandonada pelo falso amor que a iludira e desprezada pela família, depositara no menino toda a sua energia. Em criança, era tratado como um príncipezinho e, jovem, como um rei. Nenhum trabalho estava à altura de seu filho, parecia-lhe sempre que desejavam explorá-lo. Preparava refeições frescas e nutritivas para ele, esperava-o para o almoço e para o jantar, embora muitas vezes, ele varasse a noite pelos botequins ou adormecesse nos braços de alguma dama, chegando a desaparecer por dias. Então, a pobre velha que não conseguia conciliar o sono até que ele regressasse, cochilava sentada à cadeira de cordão, assustando-se com todo barulho noturno e suplicando a Deus para que guardasse seu precioso menino dos perigos do mundo. Ele contava com a proteção de um patuá benzido por uma rezadeira. Adoecera de um sarampão agressivo aos cinco anos de idade e por pouco não perdeu a visão. A mulher receitou sete sessões de reza forte, chá de sabugueiro e banhos de picão. Para os olhos, água de pétala de rosa branca serenada. Encomendou também um pingente de figa, cruz e trevo, pendurados num alfinete dourado de cabeça. Benzeu o talismã e orientou uso contínuo. A mãe fez tudo bem direito e jamais permitiu que o filho saísse sem o objeto protetor. Homem feito, ainda utilizava-o pregado à camisa. Até que, numa ocasião, andou sumido por uns tempos e voltou a casa sem o amuleto. A mãe entristeceu-se e o repreendeu. Adorava



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

em demasia aquele filho que, do seu jeito torto, também a amava e jamais levou um namoro a sério, nem nunca pensou em se casar ou constituir família, pois não cogitava a possibilidade de deixá-la.

A boa mãe trabalhou até o dia de sua morte, quando de um mal súbito, caiu enquanto estendia roupas no quintal. Deixou o quarentão desamparado, a mercê da própria sorte, sem ofício, sem perspectiva, ganhando vez por outra algum no jogo, vivendo de filar aqui e ali. Ganhaúma manteve-se morando no quartinho graças à consideração que o senhorio tinha pela correta inquilina de tantos anos. O homem temia que ela não tivesse paz na eternidade, se de lá pudesse saber que o filho dormia ao relento. Ainda assim, pressionava o boa-vida para que arranjasse uma colocação e cumprisse com suas obrigações.

Ganhaúma trancou a porta do quartinho e desmanchou a trança feita nos fios da cortina espanta mosquito. Cortina de cabelos soltos, sinal de que, tão cedo não voltava. Poupara encontrar o senhorio rondando. O velho conhecia o código.

Pela rua, o estômago chiava. Mão no bolso, passo curto de quem não sabe ainda pra onde vai. Matutava. Um pulo no Miúdo, de repente. Visita cordial para a mãezinha doente do mano e, quem sabe, esticar até a hora do almoço. Qualquer angu salvava o dia.

Quebrou a esquina da Sete Quedas e esbarrou com uma pequena que vinha fumando um cigarro fino. Aspirou a fumaça que ela deixou para trás. Virou o pescoço tentando aproveitar mais um tanto. Por uma bamba, notou que a mocinha se livrou do careta ainda pela metade. Olhou de um lado e do outro. Tinha seu orgulho. Rua deserta. Voltou uns passos e apanhou o consolo, o filtro manchado de batom, com gosto de cereja. Só um milagre pra salvar o dia. Ouvira a mãe falar sempre em milagres, mas de perto, nunca vira.

A caminho do Miúdo, ganhou o movimento no começo da Embaré. Um corre-corre de moleque descalço. Férias escolares, julho. Logo completaria mais um inverno. Na esquina, um bote triste e vazio. Quisera ter um trocado para uma beijada. FIADO, SÓ AMANHÃ, o cartaz era claro. Cruzou um camarada dos bons tempos, pensou em solicitar socorro, mas altivez não permitiu. Chegou à toca do maninho e notou tudo fechado. Bateu palma. Um cachorro manquitola se aproximou da cerca e latiu rouco, só pra cumprir obrigação. A vizinha alertou que não havia ninguém em casa.

— Dona Santinha foi ao médico. O carro da prefeitura veio buscar.

Burros n'água. A vizinha enxergou decepção nos olhos dele.

— Veio de longe, moço? Quer uma água? Um café?



**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

Ficou sem jeito. Olhou melhor para a dona. Não recordava tê-la visto antes. Vizinho do Miúdo era Tião funileiro.

— O moço vai aceitar o café? Terminei de passar inda agorinha, querendo, se achegue.
— Seu Tião voltou para Belém. Alugou a casa pra mim.

Pintadinha de amarelo, de fato, não parecia com a casa do Tião. Tinha placa de faço pé e mão pendurada na mureta.

Ir entrando assim, sem conhecer o território não é coisa de malandro velho. É botar a mão em cumbuca. Vizinha entendeu tudo.

— Tenha medo não, meu senhor. Sou viúva, não tenho filhos, nem medo da língua do povo. Ofereço gentileza a quem me der na veneta. E, de mais a mais, dona Santinha me recebeu na vizinhança com grande consideração e um amigo dela, não há de ser destrutado por mim. Mantenho a porta aberta, qualquer coisa, grito!

Casa de cômodo. Cozinha ajeitada como há muito não via. Vaso de flor e toalha de renda. Ela tomou o bule e um copo do guarda-louça. Serviu o café e apanhou a lata de bolachas. Ganhaúma salivou, mas disfarçou a empolgação. Delatar que era esfomeado não podia.

— O senhor querendo, pode aguardar por aqui. Miúdo acompanhou dona Santinha, pela hora do almoço deve estar de volta.

Café dos bons, forte e doce na medida. Três bolachas pra não fazer feio. Repousou o olho no Plaza em cima da geladeira. Sensível, a dona da casa pôs o maço à disposição.

— O senhor fuma?

— Esqueci meus cigarros no bolso do casaco.

— Entendo. Pois se sirva de um. Não faço caso e lhe acompanho. E se vamos compartilhar um bom momento, é bom que nos apresentemos. Graça.

— Almir. Almir Ferreira.

Graça tomou uma banqueta e ofereceu a cadeira do quintalzinho à visita, mas Ganhaúma preferiu acocorar-se junto ao muro, de onde via a rua. Fumaram em silêncio e pelos últimos tragos engataram conversa.

— Não faço unha às segundas.

— Nem eu realizo entregas.

— O que é que o senhor entrega?

— O que me encomendam.



**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

Souberam coisas um do outro. Ele sacou a foto da mãe da carteira, ela mostrou retrato do falecido. Pelas onze horas, ela mexeu as panelas.

— Gosta de sardinha frita no fubá?

— Se gosto!

— Pois vou tacar uma dúzia delas no azeite. Estão no tempero desde ontem. Num instante boto o arroz no bafo e o feijão de coentro, refoguei pela manhã.

Ouviram barulho na rua. De certo, o carro trazendo dona Santinha. Fizeram que não escutaram.

Debaixo da pia, enfeitada com cortina de chitinha estampada, repousava a garrafa camarada.

— Senhor se agrada de um aperitivo estimulante de apetite?

— Não faço cerimônia, embora não careça. O perfume de sua boa comida já é o suficiente.

— Sirva duas doses.

— À sua vontade, dona Graça.

— Amigos me chamam Gracinha.

— Se me tomar por amigo, chegados me chamam Ganhaúma.

— Tomo sim. Sirva duas doses, Ganhaúma.

Viraram de vez a cachacinha amarela. No rádio, um samba de breque. À mesa, toalha alvejada, panela de arroz fumegando, o feijão vermelhinho. Deitadas na travessa, as sardinhas douradas se exibiam como moças expostas na areia da praia. Jilós e quiabos afogados num molho encorpado de tomate e cebola, fatias de pão dispostas para o deleite. Ganhaúma ficou zozzo. O estômago há muito sem trabalho manifestou-se, temeroso de não ser contemplado.

— Vai pimenta?

— Opa! E bem!

O homem deixou de vez os não me toques e devorou o banquete. Das sardinhas crocantes, mastigou cabeça, lombo e rabo. A travessa ficou deserta.

— Que tal a bóia?

— Minha mãezinha há de me perdoar lá no céu. A melhor que já experimentei.

— Palitos?



"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática de leitura e escrita

- Se não se importa.
- Um dedinho de doce de leite que eu mesma preparei?
- Ave Maria!
- Um golico de café pra trancar com ouro?
- Estou sem jeito...
- Não fique, apanhe outro cigarro.

Entre assuntos que surgiam, trocaram confissões:

- Nunca tive vontade de me casar, nem de ter filhos, mas hoje em dia, reconheço a falta que faz uma família.
- Não fui mãe porque não pude. Sonhava em ter uma menina, que tinha até nome planejado: Ia se chamar Vera Eunice, em homenagem a um livro que li.
- Perdi muito dinheiro no jogo e ando numa pior, sem ocupação que me favoreça.
- Uma partida de dominó camarada? Topa?
- Não dispenso desafio.

Quando se deram conta do avançado da hora, chegava a noite menina.

- Preciso ir Gracinha!
- Terminemos a partida. Ainda pensa em visitar dona Santinha?
- Oh, não! A pobre já deve estar recolhida.

Ganhaúma despediu-se ressabiado após a última rodada, vencido pela anfitriã.

- Olhe, já vou mesmo. Agradeço a acolhida e o dia muito proveitoso.
- Espero que volte, amigo!
- Não vejo a hora!

Rua afora, Ganhaúma caminhou pensativo, avaliando a surpresa que lhe visitara naquela segunda-feira, a princípio, desfavorecida. Então, milagre era aquilo. Uma graça concedida suavemente. Gracejo. Gracinha.

In: *Perifobia*. 1ª edição. Brasil: Editora Patuá, 2018.

**"O máximo com o mínimo" – Microcontos como estratégia didática
de leitura e escrita**

Lilia Guerra nasceu em abril de 1976, na cidade de São Paulo. Em 2014, publicou o romance *Amor avenida*, pela Editora Oitava Rima. Colaborou com as coletâneas *Contos & Causos do Pinheirão e Taras, Tarô e Outros Vícios*; com os coletivos “*Armário do Mário: Ocupação literária*”, da Casa Mário de Andrade, e “*Palavraria*”, com o selo da Casa das Rosas. Participou de oficinas e ateliês literários e atualmente dedica-se à escrita de contos.